

# TELEVISÃO BRASILEIRA: PARADIGMAS E PERSPECTIVAS, COM ESTHER HAMBURGER

## PhD. Esther Hamburger

Chefe do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP,  
especialista no formato novela, ex-orientanda de Ruth Cardoso.

É atualmente Diretora do CINUSP "Paulo Emilio", professora Livre  
Docente da Universidade de São Paulo

por Daniela Paiva

No dia 07 de junho, a jornalista Daniela Paiva entrevistou a professora Esther Hamburger, Chefe do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP, especialista no formato novela, ex-orientanda de Ruth Cardoso. É atualmente Diretora do CINUSP "Paulo Emilio", professora Livre Docente da Universidade de São Paulo, PhD em Antropologia pela Universidade de Chicago. No encontro, Esther falou sobre temas instigantes tanto de sua pesquisa acadêmica como episódios curiosos da televisão brasileira e da trajetória da telenovela no Brasil além de temas polêmicos como TV pública no Brasil, audiência, entre outros.

**Daniela Paiva** – Vamos dividir a entrevista em três partes: novelas, historiografia da TV e temas da contemporaneidade relacionados à mídia. Com relação à telenovela, como esse formato vai se desenvolver de agora em diante? Quais seriam suas apostas?

**Esther Hamburger** – A novela é um folhetim eletrônico, a origem dela está lá nos idos do século XIX, no folhetim literário e o que define o folhetim é o fato de ele ser escrito ao mesmo tempo em que está sendo lido, ouvido no rádio ou visto na televisão, ou seja, chega receptor quando está sendo formulado. Marlyse Meyer, professora de literatura da UNICAMP, já falecida, escreveu um livro que se chama Folhetim, em que ela trabalha com essa definição desde o folhetim do séc. XIX. E é muito interessante para se pensar a novela porque todo mundo concorda que essa característica é própria da novela, mas que ela nem sempre ocupa o lugar que poderia ocupar na crítica ou nos estudos de novela e de televisão. Esse é um elemento do gênero que é determinante e levá-lo em conta implica em incluir um elemento de realização na definição do gênero. Quer dizer, o gênero aí não seria definido, simplesmente, a partir de convenções textuais ou audiovisuais, mas também a partir das convenções envolvidas no próprio fazer o gênero. No caso da novela, esse elemento é muito importante e talvez seja um diferenciador da novela brasileira e responsável pelo peso que a novela tem na história do Brasil e na cultura brasileira, pois o fato de ele existir faz com que a novela possa ser encarada como uma torcida. Existe uma relação entre leitores, espectadores, ouvintes e o folhetim.

**Daniela Paiva** – Que compõem uma obra aberta...

**Esther Hamburger** – Exatamente. Nos termos do Umberto Eco, uma obra aberta, mas que não quer dizer dialógica, não pode ser confundida com dialógico, não é para dizer que é uma coisa mais democrática porque é aberta, não é nesse sentido. É no sentido de que esse modo de fazer envolve várias interações que vão definindo alguns rumos das histórias, dos personagens, e o autor, que no caso da novela em geral é o roteirista, no melhor estilo do cinema da época dos estúdios de Hollywood, onde o roteirista também era muito importante. Ele, de alguma forma, funciona como catalisador de tensões, de pressões e processa as mais diversas pressões desde a censura na época da ditadura militar até os movimentos sociais no Brasil mais contemporâneo como o movimento



dos sem-terra, para falar do Rei do Gado, o movimento negro para falar daquele evento durante uma novela chamada Pátria Minha, que deu uma grande repercussão com um personagem que era um empresário.

**Daniela Paiva** – Se for pensar agora tem um deputado Feliciano na novela Dona Xepa.

**Esther Hamburger** – Pois é, sempre tem. É exatamente isso, a novela capta uma coisa que está no ar e devolve e ao fazer esse captar e devolver ela às vezes gera repercussão, mais ou menos. Então, esse elemento do ser feito ao mesmo tempo em que vai ao ar é um elemento do processo de fazer, da produção mesmo, que é determinante nesse gênero.

**Daniela Paiva** – Mas existe uma coisa de declínio nesse formato que você consegue perceber? As quedas nos índices de audiência e até mesmo a rivalidade entre novelas de diferentes emissoras seriam um sinal disso?

**Esther Hamburger** – A telenovela no Brasil começou quase junto com a televisão, no ano seguinte. A televisão foi em 50 e a novela em 51. É bem logo em seguida, mas a novela era muito lateral na televisão, não era o programa mais importante, não era o programa mais nobre, não atraía os melhores talentos, os talentos mais disputados, nem as audiências. Os programas mais valorizados nos anos 50 eram os teleteatros. A novela mais tarde virou uma coisa mais forte que a gente acha que sempre foi assim, sempre existiu, mas não é verdade. Em 1970, com Irmãos Coragem, que a novela atinge uma posição estável de programa mais assistido. Antes houve novelas mais assistidas, mas era uma coisa de passar uma novela que fazia sucesso, daí vinha outra, diminuía, tinha um teleteatro que aparecia lá como programa mais assistido, enfim, se você olhar as listas de IBOPE você vai ver que não eram necessariamente novelas os programas de maior audiência antes de 1970. Então, é na década de 60, para culminar em 70, que a novela vai crescendo. E ela vai crescendo primeiro com a introdução da novela diária que foi feita pela Excelsior, que era uma emissora que teve uma vida curta, mas que teve essa importância. Ela estabeleceu várias coisas que depois permaneceram e uma delas foi a novela diária. Isso significou a novela ocupar um espaço maior do que ela vinha ocupando, deu ao gênero também mais força em termos de audiência. E logo depois que vem a novela o Direito de Nascer, que é um original cubano que já tinha sido adaptado para o rádio e que para a televisão teve também um papel muito importante, na Tupi. Foi a primeira manifestação mais de massa em torno da novela, o último capítulo teve comemorações no estádio do Maracanã, no Pacaembu, com a presença dos atores e aí já se viu que tinha um potencial de torcida, e de fã muito grande. Em 1965, quando a Globo é inaugurada, ela cria um departamento de teledramaturgia que não existia antes nas emissoras porque as novelas, às vezes, eram produzidas dentro das emissoras, às vezes, eram produzidas pelas agências de publicidade, então, não estava ainda estabelecida a rotina de produção. A Globo sistematiza isso e formaliza essa relação da emissora com a produção também do que vai ao ar, o que também é uma característica do sistema do cinema industrial americano,

em que o estúdio produzia o filme e depois também exibia o filme em sua própria cadeia de cinemas, porque a emissora concentra também a produção e a difusão. Então esse primeiro departamento de teledramaturgia veio com a Glória Magadan para dirigir, como especialista, uma produtora, vamos dizer assim, que veio de Cuba. Cuba tinha uma indústria de rádio e TV muito desenvolvida já antes da revolução, e ela era uma exilada cubana, da Revolução Cubana, e assumiu a direção desse departamento. Na época dela as novelas foram...

**Daniela Paiva** – Para um horário nobre?

**Esther Hamburger** – É, e viraram uma programação bastante estável, permanente, e ela tinha uma ideia clara de que as novelas, para usar os termos de Nelson Rodrigues, eram “fantasia”. Eram novelas que se passavam em lugares distantes e em épocas distantes, então a linguagem não era coloquial, era uma linguagem postada, de época, com roupas, figurino, locações, cenários caracterizados. A Rosa Rebelde e Sangue e Areia eram coisas assim, caravelas, touradas, os nomes desses personagens tinham a ver com esses lugares e com essas épocas. E aí, em 1968 a Tupi introduz com Beto Rockfeller uma modificação que foi muito importante, que foi trazer para o contemporâneo e filmar fora do estúdio na locação da cidade. Isso é um marco bastante importante que a Globo incorporou, em 1969, quando a Glória Magadan saiu e o Daniel Filho assumiu trazendo as tramas para o contemporâneo com o tipo Vêu de Noiva, que acho que foi a primeira e fazia referência a eventos que eram relevantes para o país como a corrida de Fórmula 1. Essa novela, Vêu de Noiva, tinha um personagem que era um corredor de Fórmula 1. Na época, a Fórmula 1 era um esporte no qual o Brasil estava se consagrando com Emerson Fittipaldi. Então começa a novela a mobilizar elementos que se referem à nação brasileira. Não só a eventos que estão acontecendo como a eventos que dizem respeito ao Brasil. Irmãos Coragem estreou logo depois de o Brasil ganhar o tricampeonato mundial de futebol, Taça Jules Rimet, acho que assim se chamava, e tem um personagem que é jogador de futebol que tem uma sequência no estádio do Maracanã. São coisas que dizem respeito diretamente ao Brasil, é o Brasil que está em jogo e a novela está falando para o Brasil. Aí a novela começa a adquirir um papel que não foi planejado, que não foi previsto. Estou falando de 1970, plena ditadura militar. O regime militar reconhecia a televisão como um instrumento importante. Tanto do ponto de vista cultural quanto do ponto de vista da doutrina deles de segurança nacional. E por isso eles estimularam muito, eles desenvolveram a infraestrutura que a televisão precisava para chegar ao território brasileiro inteiro porque até então a televisão era muito restrita às principais cidades, onde alcançava um raio muito limitado geograficamente. Onde não só havia poucos aparelhos de televisão e a televisão não era acessível a maior parte da população. Então os militares foram muito importantes na consolidação de uma infraestrutura tecnológica que permitiu a transmissão em rede. Em 69 o Jornal Nacional foi o primeiro programa a ser transmitido em rede. A televisão que se consolida nos anos 70 como uma indústria que é lucrativa, que se



mantém e se reproduz, cresce. Ela se consolida muito com essa marca de um meio que atinge as mais diversas regiões do país e as mais diversas classes sociais.

**Daniela Paiva** – Dentro dessa perspectiva você acredita que havia alguma veiculação de mensagens que eram passadas com o intuito de pautar determinado tema naquele produto?

**Esther Hamburger** – Havia muita censura no jornal, havia muita censura na novela também, tanto que há muitos autores que descrevem detalhadamente as negociações para liberar um capítulo, liberar outro, liberar uma novela, enfim. Então havia censura, mas não sei se havia uma pauta na novela como ocorria no Jornal Nacional. A novela era um espaço menosprezado, porque ele é seriado, ele é feito para a mulher. Novela é romântica. Existe um senso comum de que novela é programa de mulher. Era um espaço tão desprezado que havia mais possibilidades justamente de se fazer coisas diferentes, por mais estrambóticas que sejam. Atualmente, uma novela consegue ainda galvanizar um país como Avenida Brasil conseguiu ano passado. Mas aí você vê uma que consegue, mas a seguinte não e mesmo quando ela consegue não são as porcentagens que existiam anteriormente, embora hoje haja um número muito maior de aparelhos de televisão e uma cobertura nacional de 99%. Então, mesmo que seja uma porcentagem menor em termos numéricos continua sendo muito significativa, não deixou de ser um fenômeno de comunicação televisiva. Mantém, mas é diferente.

**Daniela Paiva** – Como sua experiência, principalmente a do CEBRAP, sensibiliza seu olhar para a questão da TV e a abrangência que esse veículo tem? E que interfaces você privilegia nesse olhar? E, se no decorrer desse tempo em que você acompanha isso tudo há um sentimento de pessimismo com relação a esse veículo?

**Esther Hamburger** – Hoje a gente está vendo os primeiros resultados da legislação que obriga os canais a cabo a terem uma porcentagem de programação nacional e ao mesmo tempo criam mecanismos de isenção fiscal também para TV. Então tem uma quantidade de séries sendo produzida, muito grande, não é? E uma novidade enorme que muitas delas são feitas por produtoras independentes separadas das emissoras. Então isso tudo é muito novo ainda, mas isso faz com que haja uma diversidade grande de dramaturgia indo ao ar. Eu vi semana passada A menina sem qualidades, dirigida pelo Felipe Hirsch, que está passando na MTV, que é muito interessante. Então tem coisas novas aparecendo, mas essas coisas estão na TV a cabo e a TV aberta ficou um pouco terra de ninguém. E a sociedade brasileira é sempre muito perversa, a segmentação social acaba repercutindo na televisão das maneiras mais...

**Daniela Paiva** – Recentemente o Vale Cultura em sua possibilidade de poder ser usado para assinatura de TV a cabo foi derrubada, como se fosse beneficiar os detentores dessas

TVs e como você vê esta questão?

**Esther Hamburger** – Eu acho o fim da picada porque essa segregação televisiva entre a TV a cabo, quer dizer o fato da TV a cabo durante muito tempo ter ficado com o número de assinantes minúsculo e isso significou uma queda de interesse na TV aberta enorme, porque o programador, que é quem define a programação de televisão, quer gastar o menos possível na produção, e tem um preconceito enorme com o público; então, se o público é classificado como classe C, ele é tido como pouco culto, pouco exigente, ele gosta de sensacionalismo, tem uma série de estereótipos que se associam a esse público.

**Daniela Hamburger** – Você é contra a proibição do Vale Cultura para esse fim: assinatura da TV a Cabo?

**Esther Hamburger** – Eu acho o fim da picada pois todo mundo tem que ter acesso a TV a cabo.

**Daniela Paiva** – Como está sendo retratada a classe C hoje na TV, essa população pobre? Existiu alguma forma de inclusão social desse público? Ou eles entraram pela porta dos fundos de alguma forma?

**Esther Hamburger** – Eles entraram de uma forma muito perversa. Como eu estava dizendo, antes nos anos 70 e 80 todo mundo assistia televisão, assistiam no telezinho ou numa praça central da cidade no interior, enfim, mesmo quem não tinha televisão tinha formas de ver, mas os segmentos que então eram classificados como D e E havia uma omissão em relação a eles. Como se eles não existissem. Só que eles estavam assistindo aquela mesma programação e estavam entendendo perfeitamente. Então, antes de se formar um cidadão se formou, de um lado, um consumidor exigentíssimo e esse consumidor sempre acompanhou o mesmo tipo de programa com o mesmo tipo de complexidade e de desafio que o consumidor classificado como A. No entanto, quando a gente tem essa diversificação que a gente viu e supostamente uma democratização você segmenta e depois você passa então a destinar ao público que tem menos poder aquisitivo um tipo de programação menos desafiante, isso eu acho muito perverso. Do ponto de vista do consumo é muito perverso. Se a gente for falar em problema de saúde pública isso ainda é mais acentuado. É toda uma pedagogia do consumo que se desenvolve há 50 anos e para você mudar essa lógica espero que não precise de mais 50 anos. Você precisa de uma programação alternativa que desafie as pessoas de outras maneiras porque o consumo apareceu como via de inclusão como se você usando um tênis parecido ou uma calça jeans, você pudesse se confundir, você pudesse se sentir mais plenamente incluído. E isso é perverso porque você pode estar num bairro mais pobre e não perceber pelo figurino que você poderia estar num Shopping Center, que você estaria parecido, mas isso não significa dizer que as pessoas consigam escrever ou que



elas tenham os mesmos instrumentos e o mesmo repertório que outras têm. O desafio é o desenvolvimento intelectual, crítico, de repertório, de formação. Esse é o desafio do Brasil.

**Daniela Paiva** – Falando um pouco de novela, e isso me remeteu a Semana de Arte Moderna (1922), onde nós importamos um formato, o soap ópera, dentro do padrão clichê que se implementa aqui e depois da globalização o Brasil começa a exportar seu próprio formato de uma maneira mais abrangente. Como foi essa mudança?

**Esther Hamburger** – É uma coisa interessantíssima. A indústria brasileira de televisão é um “case” internacional. E durante muito tempo inspirou muita bibliografia, existe uma bibliografia considerável dos anos 80 e 90, no começo dos anos 90, sobre a especificidade da novela brasileira, da TV brasileira, porque ela enfim foi um fenômeno tanto do ponto de vista interno quando a novela atinge um público tão diversificado, não é? O que não era comum fora do Brasil, quanto do ponto de vista externo porque exportou para países os mais diferentes.

**Daniela Paiva** – O caso mais emblemático seria Escrava Isaura?

**Esther Hamburger** – É, mas eu acho que Gabriela também seria um caso muito importante, mas o relevante é que durante muitos anos muitas novelas foram exportadas. Escrava Isaura é um marco, porque inclusive na China, na Rússia, todo mundo lembra, mas é um fenômeno amplo, bem mais amplo do que isso. E o que nos anos 90 seria muito difícil de imaginar é que hoje o Brasil já não ocupa esse espaço, não é? O Brasil hoje ainda exporta novela, mas os países começaram a fazer suas próprias novelas.

**Daniela Paiva** – Então o Brasil foi uma escola de certa forma?

**Esther Hamburger** – De certa forma foi. Em Portugal certamente foi e em outros lugares também e a televisão brasileira perdeu um pouco da sua marca. Tem um desafio aí a ser recuperado porque certamente a gente tem o know-how, uma capacidade de expressão audiovisual bastante forte e talvez mais forte do que a gente está sendo capaz de exteriorizar hoje, de expressar hoje.

**Daniela Paiva** – Quais seriam os gargalos que a pesquisa em TV enfrenta hoje no Brasil? Como está a questão da dificuldade de ter acesso aos acervos, como fica a questão da memória, como fica?

**Esther Hamburger** – A memória é uma questão muito grave. Seria um desejo nacional que a gente tivesse um acesso mais fácil a programações.

**Daniela Paiva** – É um entrave na questão de direitos autorais, qual é o gargalo?

**Esther Hamburger** – Há um pouco, acho que há um temor com direitos autorais. A Globo é a emissora que mais organizada está em termos de centro de documentação acessível a pesquisadores, responde, empresta coisas, e tal, mas ainda são coisas limitadas, mas pelo menos tem um sistema. As outras emissoras nem isso.

**Daniela Paiva** – E o acervo da TV Tupi está sendo digitalizado?

**Esther Hamburger** – Esse é um projeto, financiado pela FAPESP, que está em fase final de digitalização das primeiras 100 horas, tem muito trabalho pela frente ainda, mas é um projeto interessante porque ele vai revelar um pouco desse potencial. É uma memória que existe, uma memória coletiva que existe em estado latente, se você for ao You Tube você vai achar um monte de coisas que as pessoas em casa guardaram e disponibilizam. Enfim, é muito interessante pensar o You Tube como essa memória coletiva, então é só uma questão de fazer um You Tube com um pouco mais de qualidade técnica.

**Daniela Paiva** – Como você vê agora esse case de sucesso a “Porta dos Fundos” que, desvinculado de TV, ganha prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte)? Com a pegada de humor e outros subtemas, mas é um case, não é?

**Esther Hamburger** – Sim, é interessante como essa diversificação vai criando fatos inusitados. Por isso que seria bobagem querer prever o que vai acontecer. O interessante são justamente as surpresas que aparecem.

**Daniela Paiva** – Existe uma crise detectada das TVs Públicas no Brasil? A pergunta é a TV Brasil cumpriu, cumpre seu papel? Houve uma discussão inicial de que ela seria instrumentalizada pelo partido que ocupa o poder e a criou.

**Esther Hamburger** – Ela ainda não chegou nesse ponto, ela é muito pouco vista, o que é normal. Uma emissora de televisão demora muito tempo para se estabelecer, depende de hábito, depende de conseguir encontrar uma relação com algum segmento do público. É um processo lento mesmo, que tem que ter muita paciência.

**Daniela Paiva** – Mas ela é “OK” para você no sentido de conteúdo?

**Esther Hamburger** – Eu não estou nessa função de fiscalização. Não tem sido essa a tônica senão teria uma discussão em cima disso. O problema tem sido falta de audiência e esse é um problema que demanda tempo, demanda um acerto de programação, tempo e hábito do telespectador.

**Daniela Paiva** – A TV Cultura passou por um processo crítico de reformulação. Hoje em sua grade existe a TV Folha, que é a utilização de um espaço por um jornal, você assiste?



Teria alguma colocação para fazer?

**Esther Hamburger** – Foi oferecido esse espaço para outros jornais também que não aceitaram, então ficou um jornal só, o que ficou esquisito. Não acho que seja a solução para a TV pública ter esse tipo de procedimento. Mas também não é uma coisa que eu ache que é o sinal do final dos tempos, entendeu? A TV pública e a TV Cultura já teve um papel muito importante, de oxigenar a televisão como um todo brasileira, e acho que ela precisaria recuperar esse papel. Nesse panorama todo que a gente estava falando tem inúmeros buracos: a programação infantil, documentários, tem inúmeros buracos que a TV pública não está dando conta de oferecer como alternativa. A TV pública pode almejar lançar talentos, lançar formatos e mesmo que ela não vá competir com a audiência da TV privada ela pode contribuir para oxigenar, para lançar coisas novas que possam ser incorporadas.

**Daniela Paiva** – Um fenômeno recente é a audiência na transmissão ao vivo da TV Justiça, TV Senado e TV Câmara. Com a cobertura recente do julgamento do Mensalão, que foi visto por muitas pessoas e que criou um frisson na sociedade brasileira acompanhando tudo aquilo em tempo real, como você vê essa abertura democrática?

**Esther Hamburger** – Acho muito interessante essa possibilidade de ver, porque o judiciário sempre foi um organismo, uma caixa-preta, famoso por demorar muito, por não resolver nada. Então, tem uma importância simbólica muito forte o fato de você poder ver sem edição, entendeu? Por causa daquela discussão toda do debate do Lula e do Collor que fala da forma como ele foi editado e agora você pode acompanhar sem edição. E isso é eu acho que é muito interessante.

(OBS: A discussão sobre a edição do debate Lula X Collor foi retratada pelo Documentário da BBC “Muito além do Cidadão Kane”).

**Daniela Paiva** – Vou pegar um pouco a entrevista do Franklin Martins no Observatório de Imprensa, ocorrida no fim de maio, e ele coloca a questão do marco regulatório e o fato dessa questão estar sendo pautada pelos veículos de uma maneira transversal como uma volta à censura, um debate com relação à liberdade de expressão, quando ele diz que o governo põe na pauta é a questão da regulamentação mesmo, como você vê?

**Esther Hamburger** – A gente não tem regulamentação, embora seja uma coisa muito perversa porque já há uns dez anos, ou quinze, ou vinte que as empresas de telefonia e as emissoras estão em conflito com essas mudanças todas. Existe uma demanda delas mesmo por mais regulação. A hora é perfeita para um poder público se impor e ocupar o espaço que se espera dele, onde os próprios agentes sentem necessidade.

**Daniela Paiva** – O Alberto Dines cita que desde 37 nos EUA essa questão foi ordenada, lá

se restringe o oligopólio, faz com que a questão regional seja esclarecida. Explicou que na Europa a questão relativa a conteúdo também é analisada.

**Esther Hamburger** – É o capitalismo selvagem.

**Daniela Paiva** – O que se tem aqui de dispositivo regulado é a porcentagem de capital estrangeiro em 30% e isso ocorreu em 2002, além disso a questão do oligopólio está desregulada.

**Esther Hamburger** – O Truste, não só isso, está tudo desregulado, olha o uso que você faz da concessão pública. Essa questão toda é confundida com dirigismo, com censura, mas isso é uma confusão porque eu acho que faria bem para as emissoras. Primeiro, nessa briga com a telefonia faria bem, segundo, faria bem para as emissoras que realmente realizam um papel de emissora que se sustenta a partir dos próprios recursos que elas obtêm.

**Daniela Paiva** – Pensar na Record que tem espaços utilizados pra parte religiosa e confessional. Fica difícil essa competição.

**Esther Hamburger** – Exatamente. Então eu acho que seria bem-vinda à discussão.

**Daniela Paiva** – Com relação às redes sociais e o impacto disso tudo na programação. Uma coisa que se fala muito hoje é a questão da autorreferência na própria grade. Por exemplo, o programa da Ana Maria Braga traz os atores da Novela das Oito, que vão falar no Encontros da Fátima Bernardes e isso ecoa no Vídeo Show. Eles estão se citando o tempo todo...

**Esther Hamburger** – Mas sempre foi assim.

**Daniela Paiva** – Mas isso não cria uma ficção dentro do real?

**Esther Hamburger** – Mas isso eu acho que o espectador detecta imediatamente, não é muito criativo, não é muito original, mas são mecanismos que estão explícitos. O espectador percebe.

